

POVOS INDÍGENAS E RELAÇÕES AMBIENTAIS: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO

Maria Cecília de Paula Silva

Doutora/ UFBA

Cátia de Oliveira Cabra

Graduanda/ FSBA/ UFBA

RESUMO

O presente artigo investigou a história dos povos indígenas Kiriri e Kariri-Xocó objetivando analisar os significados/sentidos histórico-culturais das expressões corporais relacionadas aos costumes e rituais e as suas relações com as diversas formas de cultura, lazer e vida¹. Justifica-se por explicitar manifestações culturais descon sideradas historicamente. Focalizamos a história oral, memória e imagética. Constatamos que na cultura kariri-Xocó lazer e trabalho não se separam e são expressões criadoras. Já nos Kiriri, a realidade seca e árida explicita sentidos históricos da dominação e lazer silencioso relacionado ao cotidiano de sua vida e trabalho.

ABSTRACT

The history of the aboriginal peoples Kiriri and Kariri-Xocó is investigated in this article to analyze their corporal expression linked to the customs and rituals and historical-cultural meanings comparing similarities and differences in relation to the cultural body, leisure and life. It is justified by showing cultural manifestations that were not considered historically. We use oral history, memory and images. Showing evidence of in the culture kariri-Xocó leisure and work are inseparable and viewed as creative expressions. In the Kiriri, the dry barren reality shows historical meanings of domination and leisure is quiet being linked to daily work life.

RESUMEN

En este artículo se relata un estudio de la historia de las tribus indígenas Kiriri y Kariri-Xocó para analizar los significados histórico-culturales de sus expresiones corporales relacionadas con las costumbres, rituales y relaciones con las diversas formas de cultura, ocio y vida. Se justifica por evidenciar manifestaciones descon sideradas históricamente. Utilizamos la historia oral, la memoria y la imagéticas. Constatamos que en la cultura Kariri-Xocó ocio y trabajo no se separan y son expresiones criadoras. Ya en los Kiriri la realidad seca y árida muestra significados históricos de dominación y ocio silenciosos relacionados con lo cotidiano de su vida y trabajo.

*Heia Hê Heia Heá! Eia Eiou
Heia Hê! Eia Eiou²*

A História dos povos indígenas, marcada por choques de culturas desde a época da colonização de exploração, em sua maioria, sempre foi narrada pelas classes dominantes a

¹ parte do projeto de pesquisa “História da cultura corporal, esporte, lazer e arte no Nordeste do Brasil”, da profa. Dra. Cecília de Paula (UFBA, desenvolvida por Cátia Cabral.

² Canto de Abertura do Toré dos povos Kariri-Xocó.

qual construiu uma imagem distorcida da figura do índio. Na época da invasão brasileira os índios eram descritos como “gente bestial”, de “feições bárbaras”, um verdadeiro animal, um selvagem, ficando esta imagem, ainda que pouco modificada marcada no imaginário social atual. A cultura de cada etnia que não foi dizimada continua sendo negada; antes, mediante a catequese, hoje, mediante aos interesses do Estado. Antes da colonização os índios possuíam liberdade; donos de suas terras tinham língua própria e eram alfabetizados na vida, não necessitando do registro escrito e de uma educação formal³. A ‘alfabetização era de mundo’⁴ e acontecia ao longo do processo de vida, no contato cotidiano com os outros e o meio ambiente; com a família, os amigos, o ambiente, em função de suas necessidades.

Ao se pensar na figura do índio, na perspectiva do senso comum, a primeira imagem na memória da maioria dos brasileiros remete ainda às imagens padronizadas pela cultura dominante e por ela naturalizadas: homem moreno de cabelos pretos e lisos, arco e flechas em mãos caçando em uma vasta floresta ou de uma mulher morena com seus longos cabelos negros caídos aos seios nus. O índio foi caracterizado a partir de um modelo histórico e socialmente construído, ora como maus, ora como bons selvagens; ambos, no entanto, em seus tradicionais trajes, com colares e brincos, tanga, cocar; seus rústicos objetos, como a maracá e utensílios de caça e pesca, entre outros. Ressalta-se que esta imagem construída historicamente tem estes significados na cultura que as produziu.

Pouco se sabe da real história e imagem dos povos indígenas e do cotidiano em que se encontravam, bem como da história do tempo presente. Especialmente, das dificuldades na luta pela retomada de suas terras, na preservação e permanência do que restou de sua tradição cultural e sua valorização, dos limites e possibilidades de resistência às constantes e retóricas ameaças à sua civilização e sobrevivência.

Focalizando a história dos povos indígenas Kiriri e Kariri-Xocó, objetiva-se analisar a expressão corporal como linguagem ligada às manifestações, costumes e rituais, com sentidos/significados histórico-culturais, abstraindo aproximações e distanciamentos da cultura corporal, ambiente, lazer e vida.

Conforme denunciou Marc Ferro (1989) nos escritos sobre a história vigiada, os modelos aplicados às colônias e impérios tinham como referência máxima os ensinamentos de “nossos ancestrais, os gauleses” ao supor que esses povos só entravam na história quando a Europa se encarregava deles, após sua colonização. Até então, considerava-se que eles tivessem talvez um passado, não uma história.

Em contrapartida, a Índia se notifica por vários discursos históricos anteriores à Europa persistindo: obras de monges, budistas, crônicas de Caxemira, narrativas registradas no Ceilão, história oficial escrita à época dos mongóis que foram retomados pelos portugueses, ingleses e dinamarqueses que utilizaram esses fragmentos para construir uma história da Índia à moda Européia.

No Brasil a história e língua indígenas foram e continuam sendo desconsideradas. Diversos povos indígenas que sobreviveram ao extermínio promovido pelos colonizadores europeus, principalmente portugueses possuem ainda uma história e linguagem fragmentada na história do tempo presente, em que prevalece a diluição das fronteiras perdidas no tempo e nos espaços cibernéticos dos microcomputadores.

Blocos que possuem a hegemonia econômica tentam estabelecer a regência do mundo contemporâneo e países considerados “em desenvolvimento”, do “terceiro mundo” ou “emergentes” gravitam em torno dos ditames do Fundo Monetário Internacional. No entanto, resistências se formam, como é o caso dos povos indígenas brasileiros que se unem para reivindicar o básico: território, direitos e cultura, preservados, valorizados,

³ Entendida como educação escolarizada.

⁴ No dizer de Paulo Freire (1999).

registrados e passados para as futuras gerações. Nesta perspectiva, focalizamos neste artigo um pouco da história dos povos Kariri-Xocó e Kiriri, importantes na reconstrução de nossa história latino-americana e brasileira e, principalmente, para contarmos um pouco da história de povos que resistem.

Trataremos desses dois povos considerando que suas histórias não podem ser negadas e, sobretudo, precisam ser redimidas, conforme lembra Walter Benjamin “somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado”⁵. E, recuperar este passado, significa recuperar a autonomia, a dignidade, construir e/ou reconstruir uma identidade, significa saber quem se é e para onde se vai.

A história oral/memória e imagética foram aqui consideradas possibilitando a apreensão das singularidades que, para Paul Thompson (1992) é profunda lição da oralidade histórica e de cada história de vida, acessando depoimentos e memórias de sujeitos históricos que nem sempre são considerados pela denominada história oficial.

Importa destacar que a oralidade ainda é a forma de educação mais utilizada para passar a cultura e a história dos indígenas, o conhecimento de seu povo. Neste sentido, além de se caracterizar como um importante instrumental metodológico, passa a ser o meio próprio utilizado para produzir, reproduzir, passar, preservar sua cultura, criando e recriando formas de sua existência.

As falas e depoimentos desses povos resistentes foram analisados, relacionando a história do tempo presente com trabalho, lazer e vida, pontuando aproximações e distanciamentos entre as duas culturas tratadas relacionadas a nossa cultura. Uma pequena incursão no debate atual da cultura e a relação entre global e local se fazem necessário, posteriormente.

OS KARIRI XOCÓ, OU DA FORÇA E VIGOR E OS KIRIRI, OU DO SILÊNCIO.

Os povos kariri-Xocó, localizados na região do baixo São Francisco, denominado por eles de *Dizibucuaá*, município de Porto Real do Colégio⁶ (AL) habitam hoje em casas feitas de taipa e/ou tijolos, diferentes das ocas, lar sagrado e original. Tribo marcada por uma grande paisagem que constitui a imagem explícita da desigualdade e do preconceito social, apartando a cidade da aldeia por um muro/cerca. Encontram-se outras diferenças marcantes em relação aos hábitos e costumes. Seus novos trajes capitais: shorts, calças, blusas, tênis, bonés entre outros, retratam não apenas a invasão da cultura “branca” (eurocêntrica e norte-americana) e degradação da sua, mas, a perda de sua liberdade e a conquista das neuroses da “modernidade”, conforme Jameson (2003) a compreende.

Essa realidade não é muito diferente para os povos Kiriri de Mirandela⁷, localizados a 39 Km da cidade de Ribeira do Pombal, norte baiano, principalmente no que se refere à moradia, já que vivem em casas de barro e/ou tijolos. Porém, os Kiriri diferem de várias tribos brasileiras por já possuírem a escritura das terras em que habitam, o que facilita a manutenção de algumas de suas tradições, como por exemplo, os antigos trajes, presentes no cotidiano, ainda que por baixo das tangas e acima dos seios nus apareça a “imagem da modernidade”: o *short* e o *soutien*, artesanalmente feitos da palha.

Nelida Piñon (1994) já havia denunciado como a colonização portuguesa impôs seu idioma, dizimando as populações autóctones, descaracterizando culturas e silenciando as línguas indígenas, como, por exemplo, o tupi, entre tantas outras. As tradições, costumes, expressões corporais, religiões, mitos e mitologias dos povos indígenas foram igualmente desconsiderados e violentados pela colonização e pelos regimes autoritários brasileiros que

⁵ BENJAMIM (1999, p.223).

⁶ Mais informações <http://www.pegue.com/indio/kariri.htm>

⁷ Mais detalhes <http://www.socioambiental.org/pib/epi/kiriri/hist.shtm>

degradaram a imaginação e proporcionaram a perda da identidade dos povos e nações indígenas autóctones.

Relatos da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal – Don Manuel I, em 1500, replicada por Pereira (1999) – considerada um dos três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil nos conta um pouco da desconsideração com a cultura indígena e com a sua forma de existir: “andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles” (p.53); prontos a serem “civilizados”: “Porém o melhor que fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (p.59).

Acreditamos ser possível a recuperação de parte de nossa história, à margem nestes 507 anos de dominação. Neste espaço-tempo em que nações foram colocadas no arsenal da opressão do outro e vem se reabilitando por sua própria luta de resistência, de transformação e ida a gênese como forma de quebrar laços ainda fortes de uma identidade forjada pela dominação.

Consideramos a possibilidade de insurgência contra os paradigmas ensinados pelo colonizador, não recusando, entretanto, a importância dessa cultura e história, pois, tanto alimentar atitude de rejeição como atitude de culto, caracteriza atitude de dependência. Ressalta-se que este “trânsito de aprendizagem” deve ser considerado nos dois sentidos, sempre, conforme lembra Mia Couto (1994).

Dessa forma, é possível recuperar as tradições dos povos e reinventar a sua história, “a língua portuguesa em *brincadeiras* semânticas, sintáticas, capazes de devolverem ao humano o gosto das palavras e o prazer dos sonhos que os muitos anos de guerra adormeceram” (SECCO, 2001:57).

O LOCAL DA CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS

Na aldeia Kariri-Xocó o velho “*Dizibucúá*” é utilizado para lazer, trabalho e vida. Ambiente repleto de crianças nadando, pulando em pedras, mulheres lavando roupa e cantando, admirando as crianças a brincar, homens e meninos entrando com os cavalos para banhar-se, algumas embarcações para pesca e passeio. O velho “Chico” é a única fonte de abastecimento de água da aldeia. A pesca e a caça são motivos de festa; e o trabalho com o barro - produção de tijolos, potes, panelas, moringas e jarros - feitos com muita diversão.

Esse povo possui o encanto do significado de seu nome “força e vigor (Kariri)” do “pássaro que voa (Xocó)”. Força e vigor por resistir aos constantes massacres capitais, globais ou locais, como a história de luta e resistência à paisagem que contrasta a beleza do velho “*Dizibucúá*”, o lixo exposto às suas margens, a sua provável transposição, o represamento realizado próximo à região que fez diminuir a quantidade de peixes em suas águas, causando escassez de alimento na tribo. Pássaro que voa por terem a capacidade de voar, apesar do domínio do sistema capitalista predominante. Quando comparamos a pobreza, no sentido das dificuldades de sobreviver, de alimentar, de vestir, com a capacidade de alegrar-se e contentar-se com a concessão da vida e de viver, perspectivamos que nem sempre, as mazelas construídas pela sociedade predatório-dominante conseguem cegar os olhos do coração.

Interessante notar a relação desse povo com a Natureza, seu respeito e sabedoria e a relação estreita entre o trabalho, lazer e vida, evidenciado por *Taré*, um dos membros da aldeia: “nós ainda hoje caça e pesca, mais nós procura não se alimentar mais dos animais da mata e dos peixes porque eles estão em extinção. O plantio de madeira com o nome de sabiá foi feito para poder aumentar, fechar a mata, não tem mais por conta dos

desmatamentos feitos pelos homens brancos quando estavam com a posse das terras que hoje são deles”.

Para eles existe um só Deus, a Natureza é Sagrada e o *Oricuri* é a mata, sua religião é expressa pelo *toré* - cerimônia sagrada. Segundo Zé Tenório, um dos curandeiros, “as pessoas que se asseguram de sua religião são abençoados por Deus. É mais digno a gente se confessar de baixo de um pé de árvore puro, limpo do que nos pés de um padre. Deus é a energia da floresta. É onde o índio o recebe”.

Quando realizado na aldeia, o *toré* comemora alguma alegria, como atividade cultural, venda de artesanato, caça, pesca e outros. É tradição servir arroz antes de iniciá-lo. O *toré* é o momento em que povo, Natureza e Ser Superior se unem. Cada canto tem um significado e relação direta com o Ser Superior, existindo um canto de abertura em que se pede permissão à força Superior e um de fechamento, que se despede dessa força. Os cantos contemplam fenômenos naturais, chegada da chuva, coleta como a força da fé e resistência.

Dança circular cadenciada, com batidas ritmadas dos pés por todos os componentes: dos anciões às crianças, reverenciando o sagrado. Em alguns momentos do ritual, dão-se as mãos representando a “união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado com pingos de suor no esforço coletivo de afirmação étnica *Kariri-Xocó*”, diz José Nunes (*Mhenety*) outro membro da tribo. É no *toré* que boa parte de sua língua de origem ainda é mencionada, cantada, resgatada. Observamos no tempo de convívio com este povo, que todo ritual é praticado em círculo, no sentido anti-horário, ou seja, no sentido da força, dos fenômenos naturais, terra, sol, lua, conforme eles explicitam.

Segundo José Nunes - *Mhenety*, que significa o guardião das tradições⁸, “os cantos representam os fenômenos culturais e sociais, em que pássaros, animais e sentimentos são citados como uma vivência ocorrida num determinado período histórico”. José Nunes afirma que “o termo *toré* provém do Tupi, instrumento de sopro usado no canto”.

Ressalta-se que em tempos remotos a aldeia era o local sagrado. As *ocas* eram dispostas em círculo e o *toré* era manifestado no centro. As *ocas* eram compridas e várias famílias abrigavam o mesmo espaço. Algumas das necessidades básicas eram feitas na mata, como as fisiológicas e o ato sexual. Por conta da catequese, iniciada no período colonial, deslocou-se o culto para um lugar distante do povoado, o *Oricuri*, proibindo a entrada de pessoas que não sejam de sua cultura e etnia, principalmente nos momentos de consagração. A preservação dessa manifestação é singular como luta de resistência do ritual e local religioso.

Na aldeia encontramos animais como porcos, cavalos, burros, cabras, ovelhas, cachorros, galinhas e pintinhos, livres. As crianças brincam livres pela aldeia o dia todo, indo para casa apenas nos momentos de fome e sono. O pular corda, elástico, amarelinha, esconde-esconde são recorrentes, além de outras como o boto, macacão, garrafão, ciranda (atirei o pau no gato) e batatinha frita 1, 2, 3.

Outras manifestações corporais da cultura ‘dos brancos’ foram encontradas, como o futebol e o voleibol, praticadas pelos adolescentes e adultos da aldeia, meninos e meninas. A aldeia tem uma quadra de futebol de campo em que se reúnem para jogar o famoso “baba”. Organizam campeonatos na tribo e possuem uma equipe que disputa campeonatos na cidade de Porto Real do Colégio. Pratica-se o vôlei de forma improvisada: a ponta de uma corda é amarrada em uma árvore e outra em uma vara segurada por uma pessoa para proceder à brincadeira. A bola utilizada também é improvisada com uma de plástico - chuveirinho.

⁸ Estes povos geralmente possuem dois nomes: um de sua cultura e outro de cultura dominante. Este índio, atualmente com 42 anos, é considerado um guardião da história e cultura de seu povo.

O esporte faz parte do cotidiano da aldeia nas brincadeiras e competições, com perdedor e ganhador, mas sem muita competitividade e sem brigas e discórdias. Na aldeia, tudo parece ser motivo de festa, inclusive o perder, todos se divertem e saem satisfeitos do jogo, da brincadeira.

Algumas das manifestações tradicionais da cultura corporal dos *Kariri-Xocó* eram realizadas em comunhão, relacionando-as ao trabalho, a caça, o plantio e os fenômenos naturais. Hoje são realizadas em uma determinada data, e todas elas modificadas, a exemplo da corrida de tora, que antes objetivava chegar todos juntos, atualmente se encontra separada por gêneros, e com vencedor (o que chegar primeiro).

As manifestações culturais aqui relatadas, ainda que influenciadas por outras culturas, portanto, modificadas, possuem uma relação direta com o lazer, com a vida cotidiana e com o trabalho, tão intrínsecas e intrincadas⁹ que dificulta analisá-las separadamente. A cultura desse povo é a própria manifestação corporal, melhor dizendo: a cultura deste povo é expressa por sua cultura corporal.

A simplicidade do povo *Kariri-Xocó*, a alegria constate, o censo de coletividade que o caracteriza está explicitada na fala de *Iraçá*: “nós não morava nesta casa onde nós esta hoje, nós morava numa casa muito menor, de apenas um quarto, mas nós aqui troca de casa se for preciso, e nós trocou a casa de antes por essa maior (...). Só sinto falta de minhas planta, já tavam bem crescida”.

Estas e outras histórias - fragmentos de memórias - nos auxiliam a tecer o fio de contas de um colar ainda pouco conhecido pelos brasileiros. Um fio de contas que traça e retraça a história/ memória dos povos *Kariri-Xocó*, brasileiros da Terra Brasis, nação que traz, guarda e transmite um pouco da resistência e da cultura de seu povo e que precisa ser registrada também na nossa história, pois a constitui e dela é constituída.

Na aldeia *kiriri*, a comunidade se confunde com a paisagem: seca, árida, porém, muito acolhedora. Os *kiriri*, embora não explicitem tanta liberdade de viver, vivem em comunhão com os elementos da Natureza. Da observação e convívio com esse povo conseguimos identificar algumas características específicas como, por exemplo, o significado da denominação que os identifica *kiriri*: “povo silenciado” nas suas ações cotidianas; o silêncio de sua aldeia; a pouca presença das crianças nas ruas, o que lhe confere característica pacata, não se observando crianças brincando, nem mesmo frente às casas.

O lazer presenciado nos dias que estivemos lá foi um campeonato de futebol organizado pelos adultos, mas jogado/brincado por todos, de qualquer idade e realizado numa quadra fechada e cimentada, na parte central da aldeia. O lazer para essa comunidade parece ter outro significado, diferente da lógica que o compreendemos a partir da ‘cultura branca’.

O silêncio de seu povo parece penetrar nas atividades de lazer, trabalho e vida, nos levando à seguinte questão: o lazer tem que ser explicitado nas formas racionalizadas por nossa cultura ocidental ou deve ser compreendido a partir da vida, da história e da identidade de cada povo, de cada etnia e de cada território indígena. Neste sentido, lazer, trabalho e vida, para os *Kiriri*, talvez esteja também interligado e intrinsecamente imbricado com o silêncio. Das observações e análises realizadas no encontro com os povos *Kiriri*, podemos constatar que nos *kiriri*, trabalho, lazer e vida, constituem uma só e única coisa.

Uma questão a destacar é a época em que foi realizada a visita à aldeia *Kiriri*, durante a semana em que acontece a comemoração da Festa de São João, festa tradicional

⁹ Totalmente amarradas.

em todo o Brasil e, em especial na Bahia, em que esta festa ocorre durante toda a semana. Em tempos remotos durante esse período os mais velhos saíam junto à banda de pífanos de casa em casa, tocando e convidando seus parentes¹⁰. O final do trajeto era sinalizado por uma fogueira, construída anteriormente em torno de uma árvore. Acendiam a fogueira e queimava-se a árvore toda enfeitada de alimentos. Quando esta cedia às chamas e caía ao chão, as crianças corriam para pegar as laranjas, milhos e outros alimentos pendurados nela.

O ritual da árvore ainda permanece, embora a banda de pífanos esteja por findar, já que, segundo relatos da comunidade, a juventude não mais se interessa por esse ritual. Essa é uma preocupação presente nas falas dos mais velhos, em função do perigo de perder o contato com os instrumentos e com a sua tradição. Consideramos necessária uma investigação mais pormenorizada dessa manifestação.

Nesta data comemorativa todos os rituais, principalmente os religiosos, estão suspensos, sendo esta decisão tomada pelo pajé e os caciques, e cumprida por toda a aldeia, devido à influência da cultura européia (quadrilha), muitas vezes reproduzidas nos moldes difundidos pelos meios de comunicação, principalmente a televisão. Observamos durante essa visita apenas uma apresentação: uma quadrilha montada pelos jovens imitando os passos da 'cultura branca'. A festa aconteceu em uma noite, tendo a duração de quatro horas, com poucos queimados durante poucos minutos e uma única fogueira construída e acessa na casa de Marcelo, um dos educadores da aldeia.

O artesanato é o principal meio de vida. Os povos *Kiriri* são um dos poucos que conseguiram legalmente a retomada de terra, tendo cada família seu pedaço de terra (roça) para plantar e colher. Porém, ainda possuem muitos problemas. Na roça de seu Lourival, por exemplo, o plantio é feito de forma desordenada, ou seja, várias espécies de plantas são plantadas todas juntas, de forma pouco organizada e sem sistema de irrigação, o que ocasiona uma baixa produção e perda da maior parte do plantio. A fome e a carência ainda são problemas constantes nessa aldeia.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Neste início de um novo ciclo, no anúncio do século XXI, os movimentos sociais e políticos, especialmente os do Nordeste do Brasil, anteriormente, marcados pela presença de líderes personalizados, traçam – na história do tempo presente – a marca da insurgência coletiva e criativa. A marca da resistência de povos cansados da submissão e da miséria, apesar de re-traçarem, ainda, marcas e características do passado.

Na continuidade dessa história uma questão ainda urge: para estes povos tão oprimidos e desconsiderados pela história e pelas políticas públicas atuais, quais seriam as chances desse grupo garantir a sua história, a sua cultura e vida? Quais seriam as chances destes povos obterem, de fato e de direito, o registro de suas terras, a possibilidade de valorizar sua cultura? Quais as chances de se registrar e tornar fonte de estudo e de produção do conhecimento, a relação que eles estabelecem com a vida, o trabalho, o lazer? Quais as chances de estudarmos, aprendermos e apreendermos as formas por eles utilizadas de cultivar a terra e tratar dos animais, a sua medicina? Sobre os conhecimentos que possuem e preservam em relação ao princípio ativo de cada planta, de sua utilização medicinal, da utilização das ervas e das plantas comestíveis; da sabedoria de seu povo e da sua cultura corporal? Quais as chances, afinal, que teremos em nos constituir um povo-nação?

¹⁰ Para eles todos são considerados parentes.

Nas primeiras aproximações com estes povos, fica evidente a marca clara e profunda de sua luta de resistência pela preservação de sua cultura, história, tradições, sabedorias, religião, expressões de vida, lazer, trabalho e arte. Evidencia-se que mais que resistentes a inúmeras formas de violência social, cultural e política que eles enfrentam cotidianamente, eles vão conseguindo ampliar os espaços políticos e fortalecendo a luta pela apropriação e posse da terra, bem como de seus bens culturais.

Aproximar da realidade dos povos *Kariri-Xocó*, em que a alegria de viver, embora em condições precárias de vida, salta aos olhos e é explicitada nas suas ações cotidianas nos faz refletir sobre a valoração social dada aos bens materiais e a sua efetiva importância.

E a aproximação com a realidade dos povos Kiriri que, nos remetem à literatura brasileira de Graciliano Ramos -*Vidas Secas* -, ou as músicas de Luis Gonzaga, é uma oportunidade de nos sentirmos mais brasileiros e nos identificar com nossa gente, com nossa terra. Até um dos personagens retratados nas músicas de Luiz Gonzaga foi encontrada nestas andanças pelo sertão - a cachorrinha Baleia - nos remetendo à ampliação de nossa sensibilidade e à reflexão a partir da lógica que a sociedade vive e nos condiciona - a lógica racional do sistema do capital.

A aproximação com a cultura dos povos indígenas respeitando a sua sabedoria, registrando a sua história e absorvendo os seus ensinamentos, enfim, aprendendo um pouco da arte da vida digna, com valores outros que não os hegemônicos valores de nossa sociedade capitalista, com outras formas de ver, compreender e vivenciar o mundo, nos remete a efetivas possibilidades de construirmos outra história, apreciarmos suas memórias e valorizarmos sua arte de bem-viver.

Precisamos compreender e re-escrever a história a partir do encontro das várias culturas como agentes de unidade, de relações e de diversidade, nunca de dominação. E, para isso, precisamos de aproximações e de boas aprendizagens, de *kariri-Xocó* e Kiriri. Este é o convite que os povos indígenas nos fazem e que, reiteradamente aceitamos para, quem sabe, podermos alterar um pouco o curso de nossa história. Alterar no sentido de estabelecermos relações mais fraternas, calorosas, pacientes, felizes, humanas, com os outros e com a natureza. Refletirmos sobre os rumos de nossa história para podermos alterá-la para um mundo melhor - econômico, social, ecológico e politicamente. Este, talvez seja um dos desafios que esta cultura nos propõe. Cabe a nós iniciarmos a reflexão e alargarmos os horizontes de nossos conhecimentos.

No momento em que nos conscientizarmos que a história continua e que nós, sujeitos históricos temos a possibilidade e a força para reconstruí-la, no momento em que a sociedade brasileira lutar pela sua libertação e pela garantia de uma vida digna para todos, pela garantia, conhecimento e respeito à unidades e as diversidades culturais, teremos como horizonte o caminho oposto ao que nos conta a história oficial, o da construção coletiva de nossa história, sem fim, mas, certamente, com o fio condutor das contas, das pedras, das culturas únicas e diversas que nos constituem.

Finalmente, relacionado com a educação ambiental nestas primeiras aproximações, podemos concluir a longa e profícua aprendizagem com a história e cultura dos povos indígenas; o respeito a natureza, aos ciclos da vida, aos tempos e espaços da natureza e de nossa relação de respeito e de sustentabilidade com o meio ambiente.

Boywyró¹¹...

¹¹ Parte do canto de fechamento do Toré dos Povos Kariri-Xocó.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Portugal: Centro de Formação Camilo Castelo Branco, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1994.
- FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- JAMESON, Frederic. *Modernidade tardia*. 2003.
- PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil: carta de Pero Vaz de Caminha; carta de Mestre João Farás; relação do Piloto Anônimo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar s.a., 1999.
- PIÑON, Nelida. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.
- SECCO, Carmem Lúcia T.R. O universo lusofônico, In: LEMOS, Maria Teresa T.; DEMBICZ, Andrzej; BAHIA, Luiz Henrique N. (org.). *América latina: fragmentos de memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: RCB, 2003.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Maria Cecília de Paula Silva - cecilipaula@yahoo.com.br.

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n. Vale do Canela, Salvador/ BA/ BR. Cep: 40110100

Cátia Oliveira de Cabral - catibabahia@yahoo.com.br.

R. Ary Pereira de Oliveira, n. 92 E, Amaralina, Salvador/ BA/ BR. Cep: 41905010